

Quem fiscaliza melhor, leva

O embolamento dos candidatos no primeiro turno da eleição, com quatro deles dispondo de iguais chances de passar ao segundo (Collor, Santos, Lula e Brizola), começa a preocupar suas assessorias pela expectativa da definição da vitória nas apurações. Toda espécie de impugnações de urnas, por candidatos que se julguem prejudicados por fraudes ou pressões econômicas na boca da urna, poderão atrapalhar e até atrasar o resultado da eleição, caso se mantenha o embolamento capaz de definir uma vitória por diferença mínima de votos.

Quem sobrar, não passando para o segundo turno, com certeza vai querer recontagem de votos em muitos estados e municípios, por denúncias que certamente virão de seus fiscais. A disputa, com a margem apertada de intenção, dá aos quatro pretendentes a sensação de já eleito, o que os torna insuscetíveis de aceitar a derrota com espírito esportivo. Esse, de resto, é mais um dado negativo produzido pela entrada de Sílvio Santos na corrida presidencial: ele não só desarrumou todo o cenário antigo, mas criou uma séria possibilidade de se decidir o primeiro turno no "tapetão".

Os esquemas para fiscalização das apurações, na verdade, envolvem muitos custos, e somente um ou dois dos favoritos terão condições de manter um sistema de fiscais adestrados em todos os municípios brasileiros. Se Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves estivessem no páreo não seria difícil ao PMDB e PFL montar esse dispositivo de-

pendente de orientação profissional. Só um dado demonstra toda uma complexidade: 17 por cento dos votos sairão de municípios com menos de 10 mil habitantes, os chamados "burgos podres", que poderão, entretanto, decidir o pleito.

A realidade é que nenhum dos quatro candidatos com chances iguais — tecnicamente empatados nas pesquisas — dispõe de uma infra-estrutura partidária nacional. Os mais aquinhoados são exatamente Brizola e Lula. Provavelmente o partido mais engajado na fiscalização seja o PT. Collor e Santos terão de contar com mobilização fechada. O PFL, com sua velha sapiência de urna, irá ajudar Sílvio Santos eleger à sua própria sorte o candidato oficial.

O custo de uma mobilização para evitar fraudes na apuração não sairá barato: serão necessários, por baixo, mais de um milhão de fiscais para cada candidato. Só o PMDB dispõe de tantos filiados para engajar numa campanha antifraude. Por amor à camisa ninguém faz isso, precisando-se de transporte, comida e leito. O PT é uma exceção pelo tipo de engajamento de seus simpatizantes que dão sua camisa em vez de disputar uma camiseta. A Frente Popular irá levar vantagem no espírito de corpo de seus fiscais. Provavelmente, os fiscais do PDT possam mostrar-se os mais vivazes. Mas nunca é demais repetir que a eleição de quarta-feira da próxima semana poderá ser decidida na boca da urna e na boca da junta apuradora.